

O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade

Luciana Marchetti Torrano^[1]

RESUMO: O presente artigo retoma os textos sociais de Freud escritos entre 1927 e 1930 e remonta à sua atualidade com reflexões referentes ao século XXI. Para Freud a cultura é a soma das realizações e disposições que orientam nossa vida, e exige renúncias para proteger os seres humanos gregários de seus impulsos destrutivos. Se o paradigma contemporâneo nasce da luta travada nos séculos anteriores por liberdade e para garantir o livre comércio entre os países e os direitos humanos, algo fracassou, já que não temos liberdade de ir e vir, nem segurança. O contexto de crise mundial traz à baila as repercussões na clínica on-line e as interferências do contexto de crise no *setting*. Neste sentido é proposto à psicanálise contemporânea resgatar o conceito de sentimento oceânico e construir uma analogia entre a *rêverie* materna e o filtro da ciência e educação para preservação da vida e da Terra.

PALAVRAS-CHAVE: mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico, *rêverie*, psicanálise social

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica. Existem homens que não deixam de ser venerados pelos contemporâneos, embora sua grandeza repouse em qualidades e realizações inteiramente alheias aos objetivos e ideais da multidão. (Freud, 1930/2010, p. 14)

Sigmund Freud inicia seu texto sobre o mal-estar na civilização refletindo sobre um chamado “sentimento oceânico”, após ser questionado por seu amigo e autor do termo, Romain Rolland. Após a leitura do texto de Freud, *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), no qual ele aborda a religião como uma ilusão, Rolland inicia a discussão questionando Freud acerca de uma sensação de eternidade, “algo ilimitado, sem barreiras, como que ‘oceânico’”, que seria para além da religiosidade, comum aos seres humanos (Freud, 1930/2010, p. 14). O texto de Freud, que não concorda totalmente com o posicionamento de Rolland, segue na direção da experiência de pertencimento que o bebê vive em sua relação primeva com sua mãe/mundo externo; ele faz uma poética viagem ao passado de Roma, criando uma analogia com o mundo psíquico. Para Freud (1930/2010), a cultura seria a soma das realizações e disposições que orientam nossa vida e nos diferem dos antepassados – somos seres gregários: nossa língua, nossos valores, nossa ciência são constituídos para o coletivo. As exigências da cultura para regular a vida em comunidade nos impõem renúncias de prazeres e nos protegem dos impulsos destrutivos e violentos. O homem moderno supostamente deveria ter aberto mão da satisfação e da felicidade por uma parcela de proteção e segurança. Qual seria esta renúncia ao prazer para o homem pós-moderno?

Se o paradigma contemporâneo nasce de uma luta travada nos séculos anteriores, por liberdade e para libertar o mundo de regimes tirânicos e opressores, garantir o livre comércio entre os países e os direitos humanos, algo fracassou, já que não temos liberdade de ir e vir, nem segurança. Como aponta Harari (2018) sobre o panorama global atual, a democracia liberal está em crise, o mundo elegeu personagens com características ditatoriais, e vivemos uma epidemia de *fake news*, além de haver questões sobre guerra, terrorismo e uma disputa pelo comando do mundo (EUA, China e Islã). Todos esses problemas habitam a mente do homem, considerando que a patologia social cria e é criada pela e da mente dos homens contemporâneos (Kaës, 2016).

Voltando a Freud, o “sentimento oceânico” seria uma cicatriz mítica deixada pelo cuidado de um ser que nos amparou, nos alimentou e nos protegeu, e com isto nos permitiu experimentar primitivamente uma experiência ilusória de plenitude. Se a ilusão é produto de nossos desejos, o “sentimento oceânico” parece ser uma necessidade humana frente à finitude do próprio desaparecimento, que cria um laço de esperança e de alívio de que um dia poderemos retornar à plenitude perdida e

nos unirmos com a sensação de plenitude, pertencimento e indissociabilidade. Não conseguimos representar nossa própria morte, tampouco o Universo, sem a existência humana, seja de um devir ou de um porvir.

Herança psíquica

Humilde, o homem abandona sua individualidade para fazer parte de uma unidade maior, que é de onde retira sua grandeza; só através da família é que cada um em casa há de aumentar sua existência, é se entregando a ela que cada um há de sossegar os próprios problemas, é preservando sua união que cada um há de fruir as mais sublimes recompensas; nossa lei não é retraindo mas ir ao encontro, não é separar mas reunir, onde estiver um há de estar o irmão também... (Nassar, 1989, p. 146)

A investigação sobre a herança psíquica está presente na obra de Freud desde seus estudos iniciais, em 1894, tanto na formação dos sintomas individuais quanto na constituição do eu e na cultura (Pina, 2021). A primeira relação do ser humano com a cultura se dá na própria concepção e vai se configurando nas primeiras relações do bebê com o corpo de sua mãe, com o seio, o alimento; depois as castrações necessárias para que ele seja incluído na cultura através das normas e da língua. Assim, a contemporaneidade sempre carrega nela seus ancestrais (Kaës, 2016).

A marca do cuidado ao bebê é um sinal do desejo de continuidade da espécie humana oferecida pelos pais que, numa união criativa inicialmente, dão a oportunidade da fusão de suas células somáticas e, num útero/continente, o bebê se desenvolve para a vida fora dele. A mãe suficientemente capaz de parir e alimentar seu bebê oferece à espécie humana uma continuidade que é também uma proteção ao passado e ao futuro. É a partir do nascimento de um bebê que a mãe dá continuidade à sua existência e também à existência dos antepassados paternos. A origem e a continuidade estão presentes como um pulsar da vida que se nutre e que a mãe carrega dentro de sua mente.

A herança psíquica é geracional em dois aspectos principais: as intergeracionais, que estão relacionadas a tradições, costumes, normas sociais, regionalidades e história, e transgeracionais, que são vivências inomináveis, transmitidas para seus descendentes em forma de não-ditos e sintomas que vão se cristalizando nas atitudes dos descendentes, pois não podem ser pensadas. Podemos dar o exemplo do racismo estrutural, a escravocracia, o machismo, as violências, sintomas como as adições, entre outros.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927/2014), Freud ressalta a necessidade de o homem se deparar com seu desamparo frente ao mecanismo do mundo, muitas vezes negado pela religiosidade e, neste momento podemos dizer, pela arrogância de se sentir capaz de controlar o incontornável.

Claro que o ser humano se verá então numa situação difícil, terá de admitir seu completo desamparo, sua irrelevância na engrenagem do universo, já que não será o coração da

Criação o objeto da carinhosa atenção de uma Providência bondosa. Estará na mesma situação de um filho que deixou a casa do pai, que era aquecida e confortável. Mas não é inevitável que o infantilismo seja superado? O ser humano não pode permanecer eternamente criança, tem de finalmente sair ao encontro da “vida hostil”. Podemos chamar isso de “educação para a realidade”. (p. 292)

Freud, Klein, Bion, Winnicott, Meltzer e Green, de maneiras diferentes e complementares, concordam que o resultado do primeiro vínculo afetivo pode ou não funcionar para favorecer que o indivíduo cresça e adquira a capacidade de lidar com limites e frustrações a fim de preservar sua vida e a vida de seu semelhante.

Nessa linha de reflexões, o termo *rêverie* é utilizado por Bion pela primeira vez em 1959 e se tornaria um conceito fundamental para a criação da teoria do pensamento (Lisondo, 2010). Trata-se da capacidade de tolerar a frustração e da capacidade de sonhar, concebendo um modelo multidimensional, fundamentalmente diferente da mente freudiana.

Grotstein (2004) afirma que o primeiro objeto do bebê é a placenta, remetendo ao livro do *Gênesis*, que afirma que “no princípio era o alimento” (p. 18). Segundo o autor, o desespero do bebê encontra alívio na inteligência da mãe (externa), e assim nascem as funções mentais, que são nutridas pela sensibilidade da mãe, criando uma ponte entre o mundo mental e o mundo externo. O sentimento oceânico, segundo Freud (1930/2010), nasce dessa experiência inicial, que cria uma ilusão que iremos buscar durante a vida e estará na base de nossas criações.

Na contemporaneidade, considerando a equação proposta por Bion com o conceito de *rêverie* materna e traçando a partir dela uma analogia entre bebê e o coletivo da humanidade, o filtro oferecido pela ciência, pela educação, pela história e pela religião parece ter sido recebido pelo trabalho do aparelho mental da mãe Terra, por meio de uma *rêverie* benigna (Ribeiro, 1999), e haveria outra *rêverie*, hostil, expressa pelas guerras, discórdias, destruição, extermínio, colonizações, escravidão e todo tipo de maldade. Como resultado, o equilíbrio dessas operações aponta que a humanidade não estabeleceu o vínculo amoroso necessário com a Terra/placenta que a nutre, para utilizar o conhecimento já produzido em prol dela mesma. Não há humano sem Terra, não há humano que não venha de um útero materno.

Os esforços para alimentar uma superpopulação consumista e produtora de lixo atacou, sobremaneira, a natureza; com isso uma das premissas do século XXI tem sido o reflorestamento, a reabilitação de rios e oceanos, a reciclagem de lixo, a sustentabilidade, a preservação das espécies, a economia de energia e, principalmente, a moderação e o equilíbrio (Harari, 2018).

Voltando a Freud (1930/2010), o princípio de vida em comunidade exige renúncias e avanços. Os avanços tecnológicos e principalmente a globalização, o capitalismo e uma desordem gananciosa de ganhar mais e mais dinheiro parecem ter atacado uma das premissas fundamentais desse sentimento “oceânico” e de pertencimento. Teria a marca da cultura um aspecto de preservação da espécie? Ou de sua própria destruição?

As patologias narcísicas, cada vez mais crescentes, culminaram em uma civilização que se equilibra entre tentar criar formas mais igualitárias de sobrevivência e modelos políticos e econômicos capazes de aumentar as desigualdades e vulnerabilidades.

Bion estima, por exemplo, que o princípio do prazer não pode ser inteiramente incompatível com o princípio de realidade. A razão disso se deduz do ... pilar da metapsicologia freudiana: a referência a Darwin. Se o organismo visasse uma pura descarga sem retenção, não viveria tempo suficiente em seu meio natural para que tal descarga meramente acontecesse. Qualquer que seja o conflito do prazer com a realidade para existir exige um compromisso originário, e não se pode dizer que o princípio do prazer “desrealize” radicalmente o comportamento do aparelho psíquico vivo. É seguramente uma dificuldade para toda a concepção “moral” da metapsicologia de Freud, que parte preferencialmente do princípio de que ali, onde o psiquismo reencontra a limitação da realidade, é, justamente, onde ele não se dá conta: ele alucina e prefere, literalmente, a autodestruição e o sofrimento à limitação do gozo. (Junqueira Filho, 2014, p. 275)

Seria um ato falho da humanidade ou uma ferida aberta? A questão que desafia a ciência e alarma os religiosos quanto ao tão temido Apocalipse.

A primeira grande cicatriz da entrada no século XXI, o atentado de 11 de setembro de 2001, mostrou a fragilidade do sistema de segurança aérea dos Estados Unidos, unido ao poder maligno do convencimento ao horror do grupo extremista Talibã, pautado pela devoção a um deus que divide o seu povo e oferece aos seus mártires suicidas uma eternidade e um prêmio por mérito. O escritor português e ateu, José Saramago (2001), dedicou à tragédia um texto:

De algo sempre haveremos de morrer, mas já se perdeu a conta aos seres humanos mortos das piores maneiras que seres humanos foram capazes de inventar. Uma delas, a mais criminoso, a mais absurda, a que mais ofende a simples razão, é aquela que, desde o princípio dos tempos e das civilizações, tem mandado matar em nome de Deus. ... Dir-se-á que um deus andou a semear ventos e que outro deus responde agora com tempestades. (pará. 4-5)

O fanatismo não conduz ao sentimento oceânico de pertencimento. O terrorismo nos atravessa como uma contracultura que deflagra a busca desesperada e às avessas do sujeito terrorista por existir, mesmo que à margem; busca ser especial e lembrado, nesse contexto do ódio, já que a nossa cultura não pode proporcionar dignidade e humanidade a esses homens e mulheres que se explodem em busca do retorno ao paraíso.

Humanidade 2020

O que houve com o mundo em 2020? A marca da destrutividade da espécie foi por demasiado contagiosa e tóxica ao físico e ao psíquico, impositiva de uma crise biológica que agravou os sintomas psíquicos individuais e coletivos. A patologia social

é, em seu alicerce, vincular. O humano desafiado que não consegue mais controlar a natureza nem sua própria pulsão de morte.

A pandemia chegou sem cerimônia e, em poucos meses, uma infecção que se iniciara no sul da China se alastrou até chegar em terras tupiniquins, efeito de uma conectividade de malhas aéreas e terrestres e resultado da globalização. Os avanços e as conquistas do século XX, principalmente a liberdade de ir e vir e a facilidade advinda da tecnologia, trouxeram benefícios e riscos.

Parece que pouca coisa mudou em relação ao que Freud descreveu no texto *Mal-estar na civilização* (1930/2010). É necessária uma renúncia ao prazer e à destrutividade para que possamos dar continuidade à nossa civilização, mas nossa cultura escancara traços perversos e revela a imensa dificuldade de manter a união dos humanos em um coletivo compartilhado, construído por continentes, países, cidades, crenças, normas e sistemas sociais e políticos. Outrora as Guerras Mundiais extinguiram famílias e obrigaram muitos a viver de forma desumana para simplesmente sobreviver. Em março de 2021, completamos também uma década da guerra civil na Síria. Séculos de desumanidades agora acompanhadas on-line para quem tem condições de conectar-se – e desacompanhadas de empatia. Milhões se aglomeram sem casa, sem comida, sem amparo, sem esperança, sem informação, enquanto endinheirados fazem festas clandestinas e se aglomeram por luxúria.

Bion (1982/2018) aponta que a guerra é a continuação de um estado preexistente no ser humano, como se fossem estudantes de várias idades brincando de soldados, mas sem nunca aprender o sentido da guerra, considerando-a uma coisa normal e não um “desastre aberrante” (Williams, 2009/2018, p. 29).

Do macro ao micro, da luneta ao microscópio

A clínica do século XXI pós-pandemia oferece outros desafios. O isolamento social foi autoritário e imperativo, as sessões de psicanálise passaram a ser on-line (com todos os efeitos que isso acarreta à relação transferencial). A emergência fez criar uma clínica remota.

Hannah Arendt (1988/2011) sublinha que toda revolução traz em si uma tentativa de retomada. A nós psicanalistas cabe pensar agora sobre a complexidade das relações humanas que se perpetuam a partir dessas experiências virtuais,^[2] sejam elas criativas e/ou disruptivas.

Bion, em sua teoria do vínculo, utilizou modelos de conexão, inicialmente pensando nos vínculos L (amor), ódio (H) e conhecimento (K), e depois evoluiu justamente para metáforas biológicas (Costa, 2011), com os constructos de continente-contido, que se assemelham aos esquemas de contaminação de um vírus ou bactéria

2. Buscando a etimologia da palavra “virtual”, vemos que esta advém do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. Como exemplo, pode-se dizer que a árvore está virtualmente presente na semente. “Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes” (Lévy, 1996, p. 15).

e das pesquisas científicas em busca de imunizantes. O desafio do Sars-CoV-2 é sua novidade; nos vetores de imunização já existentes, não cabem o RNA viral do coronavírus. É preciso também tempo para caberem novas formas de encontro no espaço virtual e em nossas mentes.

Freud (1917/2010) aponta que a psicanálise produziu a terceira ferida narcísica do homem, indicando que ele não era dono de sua própria razão. O pai da psicanálise aponta que há, na mente humana, uma sobredeterminação inconsciente. Antes dele, Copérnico tirou o homem do centro do universo, e Darwin, com a descoberta da seleção natural, tirou o homem do topo da cadeia animal. E a pandemia nos lembrou que somos seres mortais e finitos.

A ameaça biológica afeta nossa condição última de existência física no mundo. O corpo e sua saúde são a principal e única essência para a vida sensível e a continuidade da existência da mente tal como a conhecemos. Por mais que as explorações espaciais busquem outra morada para os humanos, o corpo e a sociedade humana na Terra ainda são a única possibilidade de continuarmos existindo como consciência e inconsciência. A onipotência e o negacionismo operam tão capciosamente quanto um invisível vírus RNA que panfleta o tão temido Apocalipse religioso ou uma extinção da espécie humana que, apesar de milhares de anos de evolução, ainda não é capaz de respeitar o risco de sua finitude. Temos um estranho dentro de nosso planeta que comanda parte de nossa vida.

Segundo Sandler (2021), os fundamentos da obra clínica de Bion são idênticos aos de Freud e Klein, porém houve expansões. Segundo o autor, dr. Bion contribuiu para as teorias da observação das sessões, dos vértices do analista e do paciente. As teorias da ciência do século XX voltaram-se para a ideia de campo; a psicanálise também sofreu mudanças com o conceito de campo intersubjetivo trazido pelo casal Baranger (1962/1969).

Segundo Braga (2017), a contribuição de Bion para a psicanálise é mais do que um corpo teórico organizado por teorias de observação psicanalíticas; ele ressalta que, além das contribuições às teorias de Freud e Klein, Bion trouxe a psicanálise para um registro compatível com a ciência do século XX. Nesse contexto, o autor salienta a condição de Bion de privilegiar a identificação da experiência emocional presente na sessão analítica.

Aglomerado multiestrato

Margherita (2012), psicanalista italiano, parte dos textos de Bion para construir o conceito de multiestrato complexo, constructo teórico utilizável como modelo para orientar as indagações sobre o sistema mental transpessoal e a grupalidade humana. O multiestrato complexo é um termo retirado da marcenaria, do aglomerado de madeira utilizado para fazer móveis, que denota que uma folha de compensado aglomerado sob pressão forma uma única lâmina múltipla composta por camadas. O “aglomerado” contém a relação entre todos os fenômenos – não reduzíveis exclusivamente aos

processos psíquicos individuais –, no cerne das relações complexas entre identidade e individualidade, em níveis diferentes dos sistemas humanos, como, por exemplo, células, órgãos, indivíduos, grupos e instituições.

Esse aglomerado seria composto por entes que se relacionam energeticamente num campo. Os entes seriam indivíduos, o campo seria porções de espaço e tempo, e as energias situadas entre eles seriam organizadores emocionais entre os entes e o contexto mais amplo de tempo e espaço. Podemos representá-los por meio dos vínculos L, H e K, além da pulsão de vida e morte.

Margherita (2012) aponta que o que ocorre energeticamente no organismo acontece na célula; metaforicamente o que acontece no indivíduo afeta o campo; e o que acontece no campo afeta o indivíduo.

A dinâmica tóxica do vírus que afeta o organismo que não tem anticorpos que reconheçam a ameaça e possam combatê-la remete à situação caótica dos hospitais, cidades, estados e países frente à crise sanitária. Podemos fazer vários cortes para investigar, em diversos pontos de vista, a situação sistêmica causada pela complexidade da crise, do macro ao micro, da luneta ao microscópio.

Nesse contexto, a ordem mundial, que sempre esteve presente de alguma forma no microcosmos da sessão analítica, diante de uma emergência tão grave que ameaça a espécie humana, provoca alterações que são sentidas em todos os multiestratos complexos.

As questões sociais e de crise, relatadas na primeira parte do texto, em que eu utilizei uma visão, ou vértice de sobrevoo, me fizeram indagar sobre o microcosmos da dupla analítica. Podemos ver ressonâncias do campo, ou universo, no qual ela está inserida enquanto tempo e espaço.

A falta de empatia, a cultura da pós-verdade, do cancelamento (atacar uma personalidade influenciadora para não ter mais plateia), da lacração (dar a última palavra), do negacionismo (não fazer distanciamento) e das covas verticais – que se assemelham ao conceito de cegueira moral forjado por Bauman (2014) – e o desejo de adiar o fim do mundo (criação de várias vacinas em menos de um ano) e encontrar uma saída para a crise mundial (milhões de ações solidárias e transformadoras) retratam o caos instalado.

Vinheta da clínica remota

A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família
(a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos
seus sermões, amor, trabalho, tempo.
(Nassar, 1989, p. 181)

A minha convivência com o paciente Davi persiste já há mais de uma década. A pandemia o fez reduzir a frequência de nossos encontros, com muitas faltas e cancelamentos. Após seis meses de sessões on-line, Davi começou a apresentar

sintomas gripais e manteve-se em isolamento completo, num cômodo da sua casa, até confirmar se estava ou não contaminado. Nesse período ocorreu o episódio que descreverei a seguir:

Davi é meu primeiro atendimento do dia. Ligo o computador e nosso encontro trata da questão da doença, da contaminação, do medo de morrer, da angústia de estar trancado num quarto no último andar de sua casa, longe de todos. Conta que tem tido muita dificuldade de dormir, de realizar as reuniões da empresa, e que está muito agitado. Cita o medo de ser esquecido e de seus projetos profissionais serem aniquilados, e não ter tido a proximidade que gostaria com seu pai e seus filhos. No decorrer da sessão, percebo que ele vai se aquietando, faz algumas pausas entre uma fala e outra, parece refletir.

Quando a sessão termina, Davi vai encerrar a chamada e vejo a seguinte cena: sua mão se aproximando da câmera (de mim) e, como se agarrasse a tela-eu-câmera, a sessão se encerra. Fico impactada com aquele gesto. Me sinto tocada... Então, eu me encontro ali, diante daquela tela desligada, olhando a paisagem do Windows. A mão de Davi, como a mão de um bebê que tenta agarrar o rosto da mãe, numa tentativa de unir-se a ela ou de existir num ponto intermediário entre seu corpo e o corpo de sua mãe.

Analisando posteriormente os efeitos dessa emoção, componho quase que simultaneamente duas cenas opostas e complementares: a primeira de um espermatozoide quebrando a barreira de um óvulo e fecundando vida, e outra do avião dos terroristas penetrando uma das Torres Gêmeas (11 de setembro de 2001), produzindo destruição e morte. Essas duas cenas antagônicas, produtoras em potência de vida e destruição, se compuseram quase que ao mesmo tempo em minha mente, como um pulso de um coração que contrai e expande em movimento funcional. O encerrar do fim da sessão representou imagetivamente algo que teria que ser percebido de forma muito diversa no encontro presencial. Davi havia me comunicado sua angústia do fim do mundo, congelada num clique.

Davi é filho único; seus pais separaram-se litigiosamente durante sua adolescência. A briga e falta de comunicação entre o casal parental o manteve afetivamente distante de ambos. O pai o acolheu ensinando-lhe uma profissão, e a mãe lhe dava casa e comida até que ele mudasse de cidade aos 18 anos. O encontro com os pais desde então foi esporádico, todos por motivos comemorativos, mas a desavença entre eles nunca foi solucionada.

Na sessão seguinte à cena, Davi já não estava mais preso a um cômodo da casa e, experimentando certa liberdade, pôde falar da morte da mãe ocorrida havia pouco mais de um ano: “Dona D. [a mãe] teve sorte de não passar pela quarentena. Ela ia sofrer de não poder ir tomar uma cervejinha no bar do meu tio. Morreu de repente, sem muito sofrimento. Foi uma morte rápida”.

A fala de Davi sobre sua mãe me lembrou de nosso primeiro encontro logo após o funeral, quando ele me descreveu uma cena que lhe provocou uma emoção

muito particular: Davi abraça em prantos seu pai, debruçado sobre o caixão de sua mãe. Na ocasião, ele falou:

Naquele momento eu senti algo tão especial, eu, meu pai e minha mãe juntos, nós éramos uma família, vi nos olhos do meu pai um sofrimento, vi que minha mãe era muito importante na vida dele. Eu fui o filho dessa história deles, que depois ficou toda complicada.

Lembrando dessa cena, eu cantarolo para ele Raul Seixas (1974): “o início, o fim e o meio”. Davi ri, se emociona e silencia.

No artigo “O inquietante” (1919/2010), Freud trabalha o conto “O homem de areia”, de Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann. A análise de Freud tem como objetivo cotejar a hipótese de acordo com a qual o estranho remeteria àquilo que nos é mais intimamente familiar.

Sob o vértice da complexidade, a morte está justamente contida na vida, por dar a ela um limite de tempo e espaço que cria movimento; a angústia da percepção da finitude pessoal remonta à percepção da finitude do mundo. Antes de a crise atual afetar diretamente a vida de cada um, mesmo com os avisos e informações dos cientistas, ambientalistas, biólogos e pesquisadores sobre uma possível pandemia, a negação diária e o adiamento desse pensamento apocalíptico nos protegiam numa pequena bolha confortável e supostamente segura, até que uma ameaça real à espécie humana pôde fazer acordar parte dos seres humanos. Com a tríade pai-mãe-Davi, na turbulência de sua vida corrida, tendo sido soterrada, o contato mais intenso e genuíno com seus pais foi adiado. Foi possível se fazer presente frente à morte da mãe, que trouxe à tona sua própria finitude e configurou a ameaça real de um fim para sua continuidade.

A psicanálise como cuidado para o social

A ilusão de sermos senhores de nosso campo e assim estar na posição de julgar e avaliar é facilmente mantida quando se tem uma responsabilidade cultural ou acadêmica. Não gostaria de participar de uma nova ortodoxia... (Williams, 2009/2018, p. 23)

A relação transferencial favorece não apenas a experiência afetiva diante do Complexo de Édipo; para além disso, oferece ao aparelho psicanalítico a condição de pensar os pensamentos e liberar as potencialidades psíquicas referentes à sensibilidade estética diante da arte e do desenvolvimento espiritual da fé. Esse movimento está sempre em direção a uma integração-abstração maior do simbolismo frente à racionalidade científica. Esses processos criam ideias eficazes e contribuições positivas para a humanidade em progresso (Junqueira Filho, 2014).

Uma versão pós-moderna do sentimento oceânico pelo vértice da teoria de Bion estaria na transformação da ideia de consciente e inconsciente para finito e infinito. Podemos utilizar o exemplo do ego da criança, que se molda no trânsito das línguas materna e paterna e se desenvolverá ressignificando vivências traumáticas e

criando um ego cindido: uma parte se torna restrita e individualizada; a outra conterà infinitas possibilidades. Para Bion, esses dois modos de ser se alternam como continente e contido, em busca de uma transcendência do *at-one-ment* e uma atitude sem memória e sem desejo (Gerber, 1999).

A mesma tecnologia que aproxima e possibilita o encontro, também afasta da percepção dos vínculos essenciais que fundam, segundo Freud (1930/2010), o sentimento oceânico de pertencimento e de continuidade, pois nele o bebê foi visto e reconhecido pelo olhar de sua mãe.

Ao pensarmos em nossa sociedade e, principalmente, na constatação de que as patologias da nossa era se expressam em sintomas sociais, vivemos um outro mal-estar na civilização. As patologias psíquicas na Viena de 1900 eram as paralisias e conversões histéricas; já a clínica psicanalítica atual atende aos transtornos alimentares, às dependências químicas, às manifestações psicossomáticas, à falta de desejo, à falta de sentimento, ou aos excessos. No mal-estar contemporâneo, o imperativo de consumo e satisfação afasta o homem das parcerias íntimas. A sensação oceânica de pertencimento é consequência de uma condição senciente e, para alcançá-la, é preciso ser capaz de contemplar a beleza existente inicialmente no olhar da mãe.

A psicanálise poderia ser considerada uma ciência ainda na infância e, no futuro, terá ainda mais a dizer sobre a mente, o humano e a humanidade.

Williams (2010/2018) considera significativo que tanto Meltzer como Bion apontavam a psicanálise como uma ciência ainda na infância, e que haverá muito a ser dito no futuro sobre ela do que podemos alcançar hoje. Tal consideração aponta para a psicanálise como uma “coisa em si”, que já existia no mundo antes que Freud lhe desse forma. Nessa mesma perspectiva, a psicanálise oferece a função *alfa* ao caos para resgatarmos ou construirmos, no futuro, uma integração. Em oposição à crise e à irrelevância, a consciência, capacidade da humanidade de pensar e sentir, pode oferecer alívio para várias formas de expressão sintomática e repetitiva dos sofrimentos.

O pensamento psicanalítico desde Freud, com seus textos sociais, sempre implicou problemas da humanidade. Freud foi expatriado e perseguido por ser judeu, uma das maiores atrocidades que o nazismo, em seu ódio fundante, cometeu. Bion serviu em duas guerras; descreve, em *The long week-end* (1982/2018), um relato autobiográfico, o horror que experimentou no confronto real armado. Não obstante a guerra, foi capaz de contextualizar em muito a psicanálise, para dar conta de pensar o impensável e representar o irrepresentável. Esses e outros grandes pensadores nos deixaram um legado. O colapso do mundo pós-moderno exige uma união capaz de combater esse novo mal-estar contemporâneo. A maior função de integração entre os entes é a capacidade de pensar e a consciência compartilhada para lidar com a realidade, num *at-one-ment* da humanidade e da Terra num pulsar vívido e repleto de possibilidades. Nós psicanalistas temos a responsabilidade extramuros institucionais e para além do divã de criar vínculos, pensamentos e transformações.

A metáfora da sessão de Davi ilustra a pós-existência da tríade pai-mãe-Davi em sua capacidade de preservar a sua vida. A psicanálise, mesmo diante do mistério, da beleza e da feiura do mundo contemporâneo, não deve se eximir de sua responsabilidade de cuidar, de questionar e de criar formas mais saudáveis e criativas para nos comunicarmos e produzirmos consciência. A *rêverie* benigna com a nutridora mãe Terra depende de seres sencientes capazes de trocas amorosas e cuidadosas, preservando nossa casa. A relação do indivíduo com o campo exige renúncias e funções de preservação e previdência de um existir para o futuro.

El malestar contemporáneo, sentimiento oceánico y humanidad

Resumen: El presente artículo retoma los textos sociales de Freud que fueron escritos entre 1927 y 1930, y remonta la actualidad que tienen con reflexiones relacionadas al siglo XXI. Para Freud la cultura es la suma de las realizaciones y disposiciones que orientan a nuestras vidas y que exige renuncias para proteger a los seres humanos, con sentimiento gregario, de sus impulsos destructores. Si el paradigma contemporáneo nace de la lucha emprendida en los siglos anteriores por la libertad, para garantizar el libre comercio entre países y los derechos humanos, entonces algo ha fracasado ya que no tenemos la libertad de ir y venir, ni tampoco poseemos seguridad. El contexto de la crisis mundial saca a relucir las repercusiones en la clínica on-line y las interferencias del contexto de crisis en el encuadre analítico. En este sentido, se le propone al psicoanálisis contemporáneo el rescate del concepto de sentimiento oceánico y la construcción de una analogía entre la *rêverie* materna y el filtro de la ciencia y educación para la preservación de la vida y del planeta Tierra.

Palabras clave: malestar contemporáneo, sentimiento oceánico, *rêverie*, psicoanálisis social

The contemporary discontents, oceanic feeling and humanity

Abstract: This article resumes Freud's social texts written from 1927 to 1930 and takes them up to the current times with reflections referring to the XXI Century. According to Freud, the culture is the sum of the achievements and dispositions which guide our life and demand renounces in order to protect gregarious human beings from their destructive impulses. If the contemporary paradigm is born from the struggle engaged in the previous centuries for freedom, for human rights, and to assure the free trade between countries, something has failed, as we do not have either the freedom or the safety to come and go. The context of the world crisis brings to light the repercussions on the online practice and the interferences of the context of the crisis in the setting. In this sense, it is proposed to the contemporary psychoanalysis to rescue the concept of oceanic feeling and

to build an analogy between the maternal reverie and the science and education filter for preservation of life and of the Earth.

Keywords: contemporary discontents, oceanic feeling, reverie, social psychoanalysis

Referências

- Arendt, H. (2011). *Sobre a revolução*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1988)
- Baranger, W., & Baranger, M. (1969). La situación analítica como campo dinámico. In *Problemas del campo psicoanalítico* (pp. 129-164). Kargieman. (Trabalho original publicado em 1962)
- Bauman, Z. (2014). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Zahar.
- Bion, W. R. (1959). Attacks on linking. *International Journal of Psychoanalysis*, 40, 308-315.
- Bion, W. R. (2018). *The long week-end 1897-1919: part of a life*. Routledge. (Trabalho original publicado em 1982)
- Braga, J. C. (2017). O legado de Bion: um novo paradigma para pensar a psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 50(92), 181-193.
- Costa, F. M. C. (2011). Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento: na psicanálise e em nossas vidas. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 13(1), 67-69.
- Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In *Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 240-251). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Obras completas volume 14: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 328-376). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras completas volume 18: O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In *Obras completas volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1969)* (pp. 231-300). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1927)
- Gerber, I. (1999). Caminhos da intersubjetividade: Ferenczi, Bion, Matte-Blanco. *Psicologia USP*, 10(1), 141-155.
- Grotstein, J. (2004). *Comunicación personal*. Tecnipublicaciones.
- Harari, Y. N. (2018). *21 lições para o século 21*. Companhia das Letras.
- Junqueira, L. C. U., Filho. (2014). Bion, epistemólogo. *Jornal de Psicanálise*, 47(86), 257-298.
- Kaës, R. (2016). *As alianças inconscientes*. Editora Ideias & Letras.
- Lévy, P. (1996). *O que é o virtual?* Ed. 34.
- Lisondo, A. B. D. (2010). Rêverie re-visitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 67-84.
- Margherita, G. (2012). *L'insieme multistrato: gruppi, masse, istituzioni tra caos e psicoanalisi*. Armando Editore.
- Nassar, R. (1989). *Lavoura arcaica*. Companhia das Letras.
- Pina, A. C. F. P. (2021). *Dinâmica psíquica familiar de adolescente com obesidade* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP.
- Ribeiro, M. M. M. (1999). Rêverie hostil e rêverie benigna. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 33(3), 431-447.
- Sandler, P. C. (2021, abril). Bion, por ele mesmo: uma apreensão realística dos fundamentos da

- prática clínica conforme podem ser lidos na obra escrita por W. R. Bion [Apresentação de trabalho]. XIII Jornada de Psicanálise: Bion obra aberta, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Saramago, J. (2001, 19 de setembro). O fator Deus. *Folha Online*. <https://bit.ly/3ruZrAl>
- Seixas, R. (1974). Gita [Música]. In *Gita*. Phillips Records.
- Williams, M. H. (2018). *O desenvolvimento estético: o espírito poético da psicanálise: ensaios sobre Bion, Meltzer e Keats*. Blucher. (Trabalho original publicado em 2010)
- Williams, M. H. (2018). *O sonho de Bion: uma leitura das autobiografias*. Blucher. (Trabalho original publicado em 2009)

Bibliografia consultada

- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Zahar.
- Bion, W. R. (1996). *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)*. Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Firmino, C. E. (2018). Felicidade e religião em Freud: uma leitura crítica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(2), 667-684.
- Kaës, R. (2005). Il disagio del mondo moderno e la sofferenza del nostro tempo. *Psiche*, 2(13), 57-66.
- Meltzer, D. (1998). *O desenvolvimento kleiniano III: o significado clínico da obra de Bion*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1978)
- Meltzer, D., & Williams, M. H. (1995). *A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte*. Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Nicolle, O., & Kaës, R. (2011). *A instituição como herança: mitos de fundação, transmissões, transformações*. Editora Idéias & Letras.
- Parsons, W. B. (1999). *The enigma of the oceanic feeling: revisioning the psychoanalytic theory of mysticism*. Oxford University Press.
- Simmonds, J. G. (2006). The oceanic feeling and a sea change: historical challenges to reductionist attitudes to religion and spirit from within psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 23(1), 128-142.
- Vermorel, H., & Vermorel, M. (1993). *Sigmund Freud et Romain Rolland: correspondance 1923-1936*. PUF.

Luciana Marchetti Torrano

Endereço: Rua Carlos Rateb Cury, 500, casa 18, Bonfim Paulista. Ribeirão Preto/SP.
 CEP: 14110-000
 Tel.: (16) 98113-3913
 E-mail: lucianamarchettitorrano@gmail.com